

ISSN: 1983-8379

A casa da bruxa de Ocelot, sob a ótica de Bachelard

Selma Bajgielman¹

RESUMO: Para Gastón Bachelard, a casa é o espaço que na penumbra protege a intimidade e abriga o sonho, fruto do sono, e o devaneio. Na animação *A Bruxa*, do diretor francês Michel Ocelot, a casa da bruxa é um espaço vertical que, enraizada e poderosa como sua arquetípica moradora, se insere na paisagem. Ela se ergue interferente entre a terra e o céu, aguardando o mundo que virá bater à porta e abrigando uma dialética mais apropriada ao poeta do que ao filósofo, posto que a imagem mais inspira do que descreve.

Palavras-chave: Casa; Bruxa; Devaneio

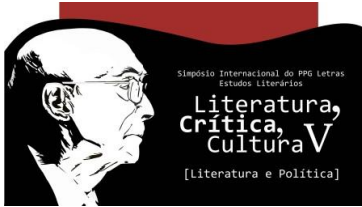
ABSTRACT: For Gaston Bachelard the house is the place where intimacy is protected and dreams, streaming from sleep and reveries, are sheltered. In the animation *The Witch*, by French director Michel Ocelot, the witch house is a vertical space, rooted and powerful as its archetypal resident. It rises between earth and sky, waiting for the world to knock at its door and harboring a dialectics more fitting to the poet than to the philosopher, since its imagery inspires more than describes.

Key-Words: House; Witch; Reverie

O filme de animação *Príncipes e Princesas*, dirigido pelo animador francês Michel Ocelot (1999), utilizando a estética do teatro de sombras, divide-se em seis contos, dentre eles *A Bruxa*, que abriga dois arquétipos poderosos: a bruxa e a casa. A bruxa representa o potencial feminino e suas possibilidades de intervenção e transgressão no mundo, mas vamos nos debruçar, especificamente, sobre a casa, estabelecendo um diálogo entre a obra de Michel Ocelot (França, 1943) e a fenomenologia de Gastón Bachelard (França, 1884-1962). Aproximamos dois poetas que devaneiam separadamente, cada qual a seu modo e em seu tempo, mas que em um encontro, mesmo que restrito ao universo acadêmico, vivificam-se, pois reforçam-se mutuamente.

Um filósofo que formou todo o seu pensamento ligando-se aos temas fundamentais da filosofia das ciências, que seguiu, o mais precisamente possível, a linha do racionalismo ativo, a linha do racionalismo crescente da ciência contemporânea, deve esquecer seu saber, romper com todos os hábitos de pesquisas filosóficas, se quiser estudar os problemas colocados pela imaginação poética.

¹Mestre em Letras, Especialista em Arteterapia, Professora e Coordenadora Curso de Pedagogia, UNIPAC.



ISSN: 1983-8379

Aqui. O passado de cultura não conta; o longo esforço para interligar e construir pensamentos, esforço feito em semanas e meses, é ineficaz. É preciso estar presente, presente à imagem no minuto da imagem...

(BACHELARD, 1979, p.183)

A animação de Ocelot, que se produz na sucessão de várias imagens quadrinizadas, convida ao presente enquanto Bachelard nos orienta à desconstrução da lógica cartesiana em benefício de nossa compreensão sobre a fenomenologia, que se desenvolve através do fenômeno da imagem poética. Sem as noções de generalização e base, que sustentam o racionalismo da ciência positivista, podemos nos disponibilizar ao êxtase da novidade. Compreender que o ato poético não tem passado, mas uma dinâmica própria que o impulsiona. “O poeta não me confia o passado de sua imagem, no entanto, sua imagem se enraíza de imediato, em mim” (BACHELARD, 1979, p.184) A imagem não solicita um saber prévio, ela utiliza o viés da consciência ingênua e nos envolve com sua propriedade poética que não simplifica nem enrijece e nada solicita além de nossa visão interior, nossa visão anímica.

O conto começa com a casa/castelo da bruxa prestes a ser invadida. Muitos homens são convocados para tal empreitada e aquele que conseguir a façanha receberá a mão da princesa em casamento. A imagem que localiza o eixo da história é a casa da bruxa, ela revela sua verticalidade, única no espaço plano, sólida, ela se eleva e nos convoca à centralidade. Este é nosso alvo. Para Bachelard, a casa que se estrutura sobre o porão e sob o sótão é uma casa que dialoga com a terra e o céu. Uma casa plantada. Nas casas modernas sem raízes e sem telhados a vida interna foge por todos os lados e elas não reconhecem mais os dramas do Universo. São geralmente casas de um só andar onde os porões ocupam os sótãos.

A casa é nosso ponto de referência no mundo, nosso canto. Ponto do qual partimos e para o qual podemos retornar. Signo de proteção, ela guarda uma penumbra e nos remete ao universo onírico, podendo conduzir ao núcleo do devaneio, onde podemos repousar o passado, abrigar o presente e deixar sonhar o porvir.

No universo das belas artes, o estilo conhecido como natureza morta, *still life*, a vida parada por um instante, guardada pelo interior da casa, para ali, levemente, se deixar morrer, ilustra plasticamente esta capacidade de abrigar.

O telhado, símbolo maior desta proteção, a principal razão de ser da casa expõe sua estrutura geométrica e abriga o sótão. O telhado da casa da bruxa de Ocelot é pontiagudo, com várias torres, diversas em altura, dimensão e forma. Escadas e pontes revelam uma casa que convoca ao dinamismo, à ação. As luzes refletidas através das várias janelas, que só existem na parte superior da casa, convidam a imaginação do expectador sobre o que haverá no espaço interno. “O espaço chama a ação e antes da ação a imaginação trabalha. Ela ceifa e lavra” (BACHELARD, 1979, p.205). As janelas são os olhos da casa. Concomitantemente, veem o mundo e se revelam a ele.



Figura 1 – Casa da bruxa

No conto, os homens tentam invadir a casa, a princípio pela porta. E a porta da casa da bruxa é como uma enorme carranca de boca aberta, com dentes afiados, olhos, orelhas e nariz. A porta é o que permitirá adentrar, reconhecer o que se passa do lado de dentro. A porta de entrada é a ligação com o mundo, receptiva, ao alcance dos olhos de quem se aproxima, mesmo de longe. Com um enorme aríete, equipamento inventado pelos romanos para invadir castelos e fortalezas, os homens tentam arrombar a porta, violar a casa.



Figura 2 – 1ª tentativa

No caso do exterior e do interior verificamos uma constante dialética, pois ora o exterior representa a prisão ora o interior é a imensidão. A poesia é, assim, um campo livre de expressão e a fenomenologia da imaginação poética nos permite adentrar. O espaço se configura de diferentes maneiras que podem superar as descrições geográficas, históricas, matemáticas e alcançar o poético. “Para falar do espaço, urge multiplicar os olhares, ousar por caminhos ainda não percorridos pelo senso comum, tomar consciência de que ele não é neutro e que, por essa razão, representa um campo de valores que aí serão inscritos.” (SILVA,2005)

Os homens tentarão arremessar bombas e criarão andaimes, mas uma enorme criatura sairá do telhado em defesa da casa, demonstrando que ela respira, teme e treme conosco e por nós.



Figura 3 – A casa se defende pelo sótão



Figura 4 – Nova tentativa de invasão

Para o moçambicano, Mia Couto, que também explora a simbologia da casa em seu livro *Um Rio Chamado Tempo, Uma casa Chamada Terra* (2003), a “casa-mulher” já é descrita como desafiadora diante dos homens que nela foram gerados e abrigados, tanto em vida, quanto em morte, e muitos são os caminhos penetráveis e impenetráveis para a casa. O mesmo livro trata da tradição de se remover o telhado do cômodo quando algum morador morre, ato ligado à ação do vôo: O luto ordena que o céu se adentre nos compartimentos, a casa é um corpo plantado no solo africano e o telhado é o que separa a sua cabeça do céu. O movimento de ascensão é comum tanto ao homem quanto à casa. Ambos são corpos em exposição terrestre, sujeitos à metafísica celeste (COUTO, 2003) A casa, para os psicanalistas Mário Corso e Diana Lichtenstein, é o retorno à infância perdida e idealizada, a casa que nos abriga e nos protege de todo tipo de sujeição e fragilidades (2006, p.251)

Adiante na narrativa *A Bruxa*, testemunharemos nova tentativa, agora com uso do fogo, que nos remete ao conto de fadas *João e Maria*, coletado pelos Irmãos Grimm, no qual a bruxa deve ter o corpo queimado para que morra e seu poder seja erradicado. Na animação de Ocelot, em uma proposta simbiótica entre mulher e casa, há a tentativa de incendiar a casa, que mais uma vez se protege: com jatos d'água.



Figura 5 – Os homens lançam flechas de fogo

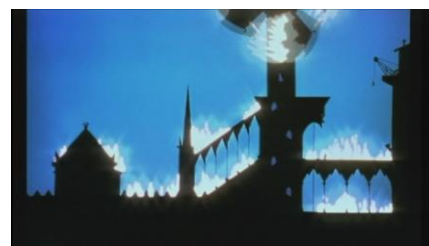


Figura 6 – Início de incêndio na casa



Figura 7 – Jatos de água

As tentativas se esgotam e um rapaz, que desde o início do conto se encontra em um galho de uma árvore, observando e analisando, e que em uma de suas falas afirma: “Fico imaginando como será o castelo por dentro” (Ocelot, 1999) resolve se dirigir à casa da bruxa. Os outros habitantes do local riem e desdenham do moço, que sem qualquer estrutura e armamento, decide entrar na casa, afinal ninguém nunca conseguiu entrar nela antes. Ele caminha, firmemente, e, inusitadamente, bate à porta. “Quem virá bater à porta? Numa porta aberta se entra. Numa porta fechada um antro. O mundo bate do outro lado de minha porta.” (Pierre Albert-Birot *Les Amusements Naturels* apud Bachelard, 1979, pág. 21)



Figura 8 – O rapaz que observa



Figura 9 – “Posso entrar?”

O rapaz bate à porta e simplesmente pergunta: Posso entrar? Imediatamente a porta se abre. E a imagem que surge do interior da casa tem a tonalidade exata do interior do organismo humano. Ela é rosada com mesclas que lembram o efeito visual das veias e artérias. O fenomenólogo utiliza os exemplos da ciência para provar as atividades harmoniosas das funções espirituais e naturais, mas sem a ciência e antes dela, as comprova. Une-se e alija-se dela, concomitantemente.



Figura 10 – O interior da casa

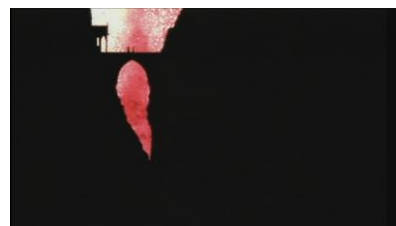


Figura 11 – Estrutura orgânica

Diferentemente do psicólogo, do psicanalista, do geógrafo, do etnógrafo, o fenomenólogo busca encontrar na casa a concha inicial, aquilo que determina o nosso enraizamento diário em um canto do mundo e como habitamos esse espaço vital com todas as ambiguidades que nos cercam e permeiam. A casa nos inspira, pois está fisicamente inscrita em nós. A casa natal é um corpo de sonhos que abriga a infância, este período bem maior que a realidade, vasto em lembranças que permanecem vivas antes pelos devaneios do que pelos fatos, já que as funções da percepção, da memória e da imaginação são cambiantes.

A bruxa recebe o rapaz e o conduz por uma ponte que liga uma estrutura orgânica (ressaltando mais uma vez a identificação com o corpo humano) à biblioteca. Lá estão livros e manuscritos de diferentes épocas, etnias e culturas.



Figura 12 – Biblioteca



Figura 13 – Mesa de trabalho



Figura 14 – Oficina de máquinas

Aqui encontramos o ponto culminante do encontro entre os dois arquétipos: Quem é a bruxa? Uma mulher letrada, muitas vezes sábia, em um período em que a mulher de forma geral não tinha acesso à alfabetização. Independente, quando a mulher não passava de objetos diante dos homens e da sociedade, a exemplo da princesa que no conto está sendo negociada por seu pai. Ou seja, uma mulher que detém um poder incomum e por isso deve ser combatida. Os dois primeiros cômodos que ela mostra ao rapaz são a biblioteca e sua oficina, onde ela própria projeta e executa as máquinas que defendem sua casa. A casa é um valor vivo. “Podemos ler a casa” (BACHELARD, 1979, p.234). Ela revela o estado de nossa alma através das ações que a governam. A casa da bruxa é repleta de pontes e escadas. Pontes que conduzem de um estado a outro e escadas que chamam pela coragem (*cour age*). Coragem para ascender ao sótão. Coragem para descer ao porão. E o porão é o próximo ponto de chegada. Viver numa casa sem porão é viver destituído dos arquétipos. O porão é a raiz, a caverna, o obscuro. Ele é o inconsciente que guarda as potências subterrâneas, a profundidade do ser. No porão a loucura está enterrada, as possíveis fugas por passagens secretas, o medo de seu escuro intenso, mesmo com a vela que levaremos para nos guiar, mas que talvez se apague. E o porão da bruxa inspira admiração e simpatia. A percepção de que algo nos diz respeito, conduz a alegria de se identificar e aderir a uma imagem bela. No porão da casa da bruxa há um jardim interno onde ela cultiva flores, hortaliças e ervas. As plantas recebem a luz do sol através de espelhos que a conduzem desde o telhado, passando pelo sótão.



Figura 15 – Jardim no porão



Figura 16 – Lago subterrâneo

Além do jardim, há um lago navegável, no qual a bruxa se deleita nos momentos de lazer. Abrigada pela água subterrânea, escura e protegida como a água uterina, a bruxa pode sonhar em paz.

Aos meus pés a água saía da escuridão. A água! . . . um lago imenso! . . . E que água!

. . . Uma água negra, parada, tão perfeitamente plana que nenhuma ruga, nenhuma bolha de ar, turvava a superfície. Nenhuma fonte, nenhuma origem. Estava aí havia milênios, represada pelas rochas, e se estendia num único lençol insensível e se tornara, na sua ganga de pedra, a própria pedra negra, imóvel, cativa do mundo mineral. Desse mundo opressor ela suportara a massa esmagante, o acúmulo enorme. Sob esse peso, dir-se-ia que ela mudara de natureza, infiltrando-se nas fissuras das lajes de calcário que lhe guardavam o segredo. Transformara-se dessa forma no elemento fluido mais denso da montanha subterrânea. Sua opacidade e consistência insólita faziam-na como que matéria desconhecida e carregada de fosforescências de que só afloravam à superfície fulgurações fugidias. Sinais dos poderes obscuros em repouso nas profundezas, essas colorações elétricas manifestavam a vida latente e o temível poder desse elemento ainda adormecido.

Eu tremia".Esse calafrio, sentimo-lo bem, não é mais um medo humano, é um medo cósmico,um medo antropocósmico que faz eco à grande lenda do homem diante das situações primitivas. Do porão talhado na rocha no subterrâneo, do subterrâneo à água parada, passamos do mundo construído ao mundo sonhado; passamos do romance à poesia. Mas o real e o sonho são agora uma unidade. A casa, o porão, a terra profunda encontram uma totalidade pela profundidade. A casa se transformou num ser da natureza. Está solidária com a montanha e as águas que trabalham a terra. A grande planta de pedra que é a casa cresceria mal se não tivesse as águas dos subterrâneos na sua base. Assim vão os sonhos em sua grandeza sem limite.

(BACHELARD, 1979, p.212)

Mia Couto diz que há um rio que nasce dentro de nós, corre por dentro da casa e deságua não no mar, mas na terra. Esse rio uns chamam de vida. (COUTO, 2003, p.56) Enquanto navegam, o rapaz pede à bruxa que retire seu elmo e ela o faz. Mostrando alguns cômodos de sua casa, a bruxa se revela, pois na casa está impressa a alma de quem a habita. “Há uma especificidade em estar vivo, num mundo e lugar particulares, que refletem as três

dimensões básicas e formadoras da existência humana: o espaço, o tempo e o ser.” (SILVA, 2005, p.3)

Toca uma sirene. O povo quer festejar o herói que agora receberá a mão da princesa em casamento. O rapaz vai até a sacada. Ponto estratégico entre o sótão e o porão. Local no qual permanecemos abrigados pela casa, mas capazes de interagir com o mundo. Podemos da sacada: ver, cheirar, ouvir, falar. Mas, diferentemente da porta, ali permanecemos protegidos pela casa e apartados das relações com os outros. Dali, o rapaz acena para o povo, agradece o rei, cumprimenta a princesa e declara que vai declinar da oferta, pois se casará com a bruxa.

Michel Ocelot estuda ou estudou a fenomenologia de Gastón Bachelard?

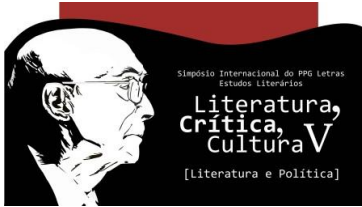
Creio que sua obra faz uma bela apropriação das reflexões do filósofo da poesia. Permite-me imaginar o deleite de Bachelard assistindo ao conto-animação de Ocelot, principalmente, quando narra que a luz solar entra pelo telhado através do sótão e seus espelhos e alcança os jardins e o lago do porão e, em movimento inverso, as águas subterrâneas alcançam o cume da casa para refrescá-la e protegê-la do fogo exterior.



Figura 17 – “prefiro ficar com a bruxa”

A dinâmica que rege a casa da bruxa demonstra os fluxos humanos que interligam inconsciente, sonho, consciente, pensamento, emoções, devaneios, criatividade e ações. A bruxa apenas mostrou ao rapaz o interior de sua casa e isso foi suficiente para que ele se apaixonasse e optasse por se aliar a ela. Conhecendo sua casa ele a conhece intimamente.

Referências



ISSN: 1983-8379

BACHELARD, Gastón. O Novo Espírito Científico *Le nouvel esprit scientifique* A Poética do Espaço. *La poétique de l'espace* São Paulo: Abril Cultural, 1979.

CORSO, Mário e Diana Lichtenstein. Fadas no Divã: Psicanálise nas Histórias Infantis. São Paulo: Artmed, 2006.

COUTO, Mia. Um Rio Chamado Tempo, Uma casa Chamada Terra. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

OCELOT, Michel. Príncipes e Princesas, *Princes et Princesses*. França: Versátil Home Vídeo, 1999.

SILVA, Geysa. A Arte Telúrica de Guimarães Rosa e Cora Coralina, 3º SINAL - Simpósio de Letras da UNINCOR, Três Corações, MG, 2007.